

Percursos do Brasil na geografia literária mundial: um estudo da recepção internacional da obra de Machado de Assis no séc. XX

Doutoranda Andrea de Barros¹ (UNICAMP)

Resumo:

Esta comunicação apresenta o projeto de pesquisa “Machado de Assis na Rússia, Dostoiévski no Brasil: estudos comparados de recepção literária” que propõe a aproximação comparativa entre a recepção da obra machadiana na Rússia e a da dostoiévskiana no Brasil, no período compreendido entre a 2ª metade do séc. XX até o início do séc. XXI. A pesquisa pretende alinhar-se aos modelos de investigação propostos por Pascale Casanova (2002), sobre os processos de configuração da geografia literária mundial, tendo como foco principal as vias percorridas pelas literaturas marginais (produzidas fora dos grandes centros emissores culturais) da segunda metade do século XIX. A metodologia será a comparatista, por meio da qual a recepção internacional da obra machadiana será confrontada com a de Dostoiévski. Além da metodologia comparatista e da adoção dos conceitos de Casanova, o escopo teórico compreende estudos de Marshall Berman, Franco Moretti e Richard Morse.

Palavras-chave: Machado de Assis, Dostoiévski, relações literárias Brasil-Rússia, recepção internacional da literatura brasileira.

Introdução

É a partir de sua maneira de inventar a própria liberdade, isto é, de perpetuar, ou transformar, ou recusar, ou aumentar, ou negar, ou esquecer, ou trair sua herança literária (e linguística) nacional que se poderá compreender todo o trajeto dos escritores e seu próprio projeto literário, a direção, a trajetória que tomarão para se tornar o que são. O patrimônio literário e linguístico nacional é uma espécie de definição primeira, *a priori* e quase inevitável do escritor, definição que ele irá transformar (se necessário recusando-a ou, como Beckett, erguendo-se contra ela) por sua obra e trajetória. Em outras palavras, cada escritor situa-se, em primeiro lugar, no espaço mundial, pelo lugar que nele ocupa o espaço literário do qual saiu. (CASANOVA, 2002, p. 61).

Um dos raros escritores do século XIX a conhecer a consagração em vida, em seu país, Machado de Assis parece ter sido completamente ignorado, além das fronteiras pátrias, até a segunda metade do século XX. Antonio Candido, no ensaio **Esquema de Machado de Assis** (2004), descreve bem o paradoxo da recepção à literatura machadiana em sua época: “À glória nacional quase hipertrofiada, correspondeu uma desalentadora obscuridade internacional. (2004, p. 17)”

Candido atribui essa obscuridade a dois fatores principais: o primeiro, extrínseco à estrutura da obra, a incontestável influência do poder político no processo de difusão internacional da literatura, por meio da qual os países líderes no campo econômico também ditam as regras sobre a produção cultural; o segundo fator, determinante na gênese do texto e nele inscrito, a língua, com suas implicações intrínsecas e extrínsecas:

Das línguas do Ocidente, a nossa é a menos conhecida, e se os países onde é falada pouco representam hoje, em 1900 representavam muito menos no jogo político. Por isso ficaram marginais dois romancistas que nela escreveram e que são iguais aos maiores que então escreviam: Eça de Queirós, bem ajustado ao espírito do Naturalismo; Machado de Assis, enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias **que todos podiam ler**. (CANDIDO, 2004, p. 17)

Às remotas possibilidades de Machado ter sido lido no original, fora do Brasil e de Portugal, entre o fim do século XIX e a primeira metade do século XX, somaram-se outros obstáculos à recepção internacional de sua obra. Pierre Rivas (1995) aponta algumas características próprias do imaginário dos intelectuais e leitores franceses do início do século XX, quando surgiram as primeiras traduções de Machado em francês¹, em relação a um Brasil exótico, que não correspondia ao foco das narrativas machadianas:

Em 3 de abril de 1909, no anfiteatro Richelieu, da Sorbonne, (...) faz-se uma homenagem a Machado de Assis em sessão presidida por Anatole France (...) um aspecto parece-nos interessante e é a ênfase dada ao fato de que ele “era um latino”. Por aí explicar-se-iam todos os seus traços: ironia, equilíbrio, harmonia. “Ele absteve-se voluntariamente de qualquer fantasia descritiva, de qualquer quadro da natureza; mas resgata a secura do cenário pela abundância da documentação psicológica, pela riqueza dos toques sugestivos.” Essas observações revelam tanto a imagem do Brasil como a imagem de Machado na França. Para todo um setor da inteligência francesa, o Brasil reduz-se à latinidade e seu maior escritor aparece aqui como uma espécie de Anatole France ou Renan.

(...) Para Lebesgue, como para vários lusófilos da época, acontece com Machado o mesmo que com Eça de Queirós: eram muito franceses, ou pouco exóticos. E é o *gênio latino* que Anatole France devia saudar nessa “festa da intelectualidade brasileira”: não creio, declara ele, que seja demais estender o sentido desta festa literária, se nela vir a celebração do gênio latino nos dois mundos”. Gênio de Roma, o mesmo do pensamento humano que “resplandece no mundo”. Nem uma única vez valoriza-se a obra do grande colega brasileiro. Anatole France, nessa ocasião, exalta o gênio latino, os povos latinos: “latinos dos dois mundos, tenhamos orgulho de nossa herança comum. Mas saibamos reparti-la com todo o universo; saibamos que a beleza antiga, a eterna Helena, mais augusta, mais casta de raptos em raptos, tem como destino entregar-se aos sequestradores estrangeiros e gerar em todas as raças, sob todos os climas, novos Euforíons, cada vez mais sábios e belos.” (...) O gênio de Machado de Assis era, em suma, confiscado pela ideologia latina da França, naquele momento. Talvez tenha sido a razão pela qual não encontrou eco (...). Na verdade, que interesse poderia ter para o público francês uma espécie de discípulo afastado de Renan ou de Anatole France, discípulo que não possuía nem mesmo o privilégio de escrever uma obra “exótica”. Como no caso de Eça, a França deveria fechar-se àquele que era demasiadamente “francês”. (RIVAS, 1995, pp 148-150)

Como um escritor “demasiadamente francês” para os franceses, ou seja, que não se restringia a retratar a exuberância natural dos trópicos, da forma como os leitores franceses do início do século XX esperavam e, conseqüentemente, os leitores no mundo todo, que aguardavam o prévio aval da França para dar atenção a determinado autor, Machado não encontrava o horizonte de expectativa favorável à recepção de sua obra fora do Brasil.

Esse quadro parece ter se alterado de forma significativa no início da segunda metade do século XX. Segundo Ubiratan Machado (2005), a fase compreendida entre 1959 e 2003,

(...) foi também a da definitiva internacionalização da obra machadiana. Das 220 edições que recenseamos de romances, volumes de contos e peças de teatro traduzidas e editadas em 32 países e em 23 línguas (sem incluirmos os trabalhos publicados em antologias, jornais e revistas, que elevaria este número para 37 países e 25 línguas), 155 são dos anos de 1960 e décadas posteriores.

¹ Segundo Rivas, as primeiras traduções em livro de Machado de Assis, publicadas na França pela Garnier, ocorreram em 1910, com o título *Quelques Contes*, e em 1911, *Mémoires Posthumes de Brás Cubas*. O tradutor de ambas as obras foi Adrien Delpech.

Até o final dos anos de 1950, apesar das 51 edições no exterior, Machado ainda era um autor prisioneiro da língua portuguesa. A análise elogiosa, e até sagaz, de um ou outro crítico estrangeiro, não chegou a formar aquela cadeia de quase unanimidade que é o mais sólido suporte da consagração.

A **descoberta** (termo que empregamos apenas como divisor de águas, já que não houve eclosão, mas um processo gradual de maturação) de Machado a partir dos anos de 1960, sobretudo pelo crítica e pelos *scholars* norte-americanos – caixa de ressonância universal -, aliciou o interesse de estudiosos de todo o mundo e o conseqüente incremento das obras machadianas. (MACHADO, 2005, p. 9)

Entretanto, estudiosos e críticos que puderam conhecer a obra machadiana, fora do Brasil, demonstram perplexidade diante de sua relativa obscuridade no cenário literário internacional, ainda nos dias atuais. Susan Sontag, em **Vidas póstumas: o caso de Machado de Assis** (2005), cita a questão da língua, como Antonio Candido, e vai além, atribuindo o problema ao eurocentrismo das apreciações literárias, em escala mundial, e, no território latino-americano, à visão preconceituosa que os países vizinhos têm do Brasil:

Fico espantada de que um escritor de tamanha grandeza ainda não ocupe o lugar que merece. Em certa medida, o relativo descaso com Machado fora do Brasil talvez não seja mais misterioso do que o descaso com outro fecundo escritor de gênio marginalizado por força de noções eurocêtricas a respeito da literatura mundial: Natsume Soseki. Sem dúvida, Machado seria mais conhecido se não fosse brasileiro e se não tivesse passado toda sua vida no Rio de Janeiro – se, digamos, fosse italiano ou russo, ou mesmo português. Mas o embargo não reside apenas no fato de Machado não ter sido um escritor europeu. Mais notável do que sua ausência no palco da literatura mundial é ter sido ele muito pouco conhecido e lido no resto da América Latina – como se ainda fosse difícil digerir o fato de que o maior romancista produzido pela América Latina tenha escrito em português e não em espanhol. O Brasil pode ser o maior país do continente (e o Rio, a sua maior cidade no século XIX), mas sempre foi um país posto à margem – visto, pelo resto da América do Sul, a América do Sul hispanófono, com uma boa dose de desdém e não raro em termos racistas. É muito mais provável que um escritor desses países conheça qualquer das literaturas européias ou literatura em inglês do que a literatura do Brasil, embora os escritores brasileiros tenham uma consciência apurada da literatura hispano-americana. Borges, o outro escritor da mais alta grandeza produzido pelo continente, parece nunca ter lido Machado de Assis. De fato, Machado é ainda menos conhecido entre leitores de língua espanhola do que entre leitores de língua inglesa. **Memórias póstumas de Brás Cubas** só foi traduzido para o espanhol na década de 1960, oitenta anos depois de ter sido escrito e uma década depois de ter sido traduzido (duas vezes) para o inglês. (SONTAG, 2005, pp 58-59)

O “relativo descaso” com Machado de Assis, apontado por Sontag, torna-se ainda mais evidente quando comparamos a situação atual da recepção internacional da obra machadiana à de seus contemporâneos, escritores provenientes de países que, no cenário literário mundial do século XIX, eram tão marginais quanto o Brasil. Dostoiévski, por exemplo, tem grande parte de sua obra lançada no Brasil², traduzida diretamente do russo para o português, com grande sucesso editorial. Apesar da Rússia não ter iniciado “o processo de acúmulo de seus bens literários antes do início do século XIX” (Casanova, 2002, p. 80), e da difusão da sua literatura ter enfrentado os obstáculos de sua língua “menor”, semelhantes aos encontrados pelos escritores de língua portuguesa, Dostoiévski, assim como Tólstoi, Turgêniev e outros grandes autores russos do século XIX, são considerados

² De 2000 para cá, foram lançados, somente pela Editora 34, os títulos *Memórias do subsolo*; *Crime e castigo*; *Um jogador*; *O idiota*; *Bobók*; *O eterno marido*; *Os demônios*; *Niétotchka Niezvanôvna*; *O crocodilo* e *Notas de inverno sobre impressões de verão*; *A senhoria*; *Noites brancas*; *Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho de um homem ridículo*.

clássicos na literatura mundial, atraindo o interesse crescente de estudiosos, críticos e leitores, no Brasil e em todo o Ocidente.

Já Machado de Assis, na Rússia, nas Américas e em toda a Europa ocidental, ainda permanece bem menos conhecido que os autores russos, apesar de alguns esforços isolados de divulgação de sua obra. Em fevereiro de 2007 foi lançada uma coletânea de contos de Machado de Assis, em edição bilíngüe em russo-português, pelo Centro Lusófono Camões e pela Editora da Universidade Pedagógica Estatal de Herten, em São Petersburgo, com o apoio da Embaixada do Brasil em Moscou. Reunindo os contos *Teoria do medalhão*, *O segredo do bonzo*, *O anel de Polícrates*, *Mariana*, *O diplomático*, *Verba testamentária*, *Conto de escola*, *A cartomante*, *Evolução*, *Trio em lá menor*, *Conto alexandrino*, *O cônego ou metafísica do estilo* e *O dicionário*, publicados entre 1882 e 1899, o livro possibilita ao público russo, ainda pouco familiarizado com a literatura brasileira, o primeiro contato com as narrativas machadianas, segundo o professor Vadim Kopyl (2007), organizador e tradutor da coletânea.

Considerando que a efetiva entrada da literatura russa no Brasil se dá já no final do século XIX³ (em traduções do francês para o português), mesmo período em que ela atravessa as fronteiras da Europa Ocidental e ganha o aval da crítica francesa, constata-se um intervalo de mais de um século entre a recepção de Dostoiévski no Brasil e a de Machado na Rússia.

Essa defasagem entre a recepção internacional da obra machadiana e a da dostoiievskiana ocorre não somente na Rússia, mas também, em menor grau, no próprio continente americano. Comparando a recepção da obra de Machado à de Dostoiévski, no mercado literário americano, a Professora Dra. Daphne Patai, do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Massachusetts – EUA, relata a discrepância entre a baixa oferta de obras do autor brasileiro nas livrarias e a facilidade de acesso às do autor russo:

É interessante assinalar que, apesar do reconhecimento que alguns acadêmicos, alguns escritores, tenham feito da importância de Machado como escritor, normalmente, ainda hoje em dia, acho que ele realmente passa quase despercebido pelo público americano. Isso verifiquei visitando várias livrarias nos Estados Unidos, procurando traduções da obra de Machado, e comparando o aparecimento, ou a falta de aparecimento e de disponibilidade daquelas traduções em livrarias, em contraste com outros autores estrangeiros.

Por exemplo, na cidadezinha - que é uma cidade universitária onde eu trabalho em Massachusetts - havia numa livraria dezenas de traduções de Dostoiévski, com dois ou três exemplares de cada uma. Para se comprar naquela livraria, lá não havia nenhuma tradução de Machado de Assis. **Achei muito curioso que um autor do mesmo nível, quer dizer, um autor de primeira categoria no sentido universal, simplesmente não tivesse aquela visibilidade**, mesmo numa cidade universitária, onde há muitos livros que, normalmente, não se encontram nas livrarias que a gente acha numa cidade desse tipo. E considerei isso quase inexplicável; quero estudar mais esse problema, para saber o que realmente impede que Machado seja reconhecido devidamente no exterior.

(<http://www.machadodeassis.org.br/2005/academica10.htm> - grifo meu)

Por que a recepção internacional à obra machadiana é menor que à de Dostoiévski e de outros autores provenientes de países com características sociais e linguísticas semelhantes? Como se dá a circulação de literaturas entre países periféricos, como Brasil e Rússia? Como a difusão da obra machadiana tem ocorrido fora do País e que fatores têm influenciado, de forma significativa, a sua

³ Segundo Bruno Barretto Gomide (p. 6, 2004), “a partir de fins da década de 1880, as obras dos escritores russos começaram a ser discutidas no Brasil. Isso ocorreu na esteira da onda de difusão internacional do romance russo deflagrada em França, especialmente pelo ensaio-manifesto *Le Roman Russe* (1886) de Eugène-Melquior de Vogüé e por um grande número de traduções.”

leitura além das fronteiras brasileiras? Até que ponto essa obscuridade internacional de Machado reflete a situação da literatura brasileira, como um todo, no contexto literário mundial? Essas questões, que abarcam não somente aspectos literários, mas também do mercado editorial, das relações culturais internacionais, enfim, de um complexo de fatores, inspiram e justificam esta proposta de pesquisa.

1 Objetivos

Este projeto de pesquisa tem como objetivos: estudar a recepção crítica internacional da literatura brasileira, no período entre a segunda metade do século XX até os dias atuais, tendo como objeto principal de estudo a obra de Machado de Assis; analisar como se dá o intercâmbio entre literaturas provenientes de países periféricos (fora dos tradicionais centros emissores de cultura), como Brasil e Rússia, mais especificamente entre os romances de Machado de Assis e Dostoiévski; Investigar o percurso de disseminação internacional da literatura machadiana, enfocando as iniciativas e estratégias editoriais de divulgação e distribuição aplicadas desde o início do século XIX até hoje; levantar os obstáculos e problemas que dificultaram a recepção internacional da obra machadiana, buscando possíveis oportunidades e alternativas que contribuam para sua efetiva inserção e valorização no contexto literário mundial atual; e contribuir para os estudos sobre a recepção internacional da literatura brasileira e para as investigações a respeito do seu espaço na geografia literária mundial.

2 Metodologia e forma de análise dos resultados

Para atingir os objetivos já determinados, a pesquisa será estruturada em quatro etapas subsequentes: na primeira, faremos o levantamento e a análise das fortunas críticas produzidas em países da Europa e das Américas, sobre Machado de Assis e Dostoiévski, a partir da segunda metade do século XX e o início do século XXI; a segunda etapa compreende o levantamento bibliográfico das traduções de textos machadianos publicados fora do Brasil, e de textos dostoiévskianos publicados fora da Rússia, realizadas desde a segunda metade do século XX até o momento atual; na terceira fase, elencaremos os títulos de Machado de Assis e de Dostoiévski em catálogo, atualmente, em editoras estrangeiras a seus países de origem (Brasil e Rússia, respectivamente); Por fim, a quarta etapa será reservada para a análise dos dados coletados nas etapas de pesquisa descritas anteriormente e, com base nessas informações, será feito o estudo do percurso da difusão internacional da literatura machadiana fora do Brasil, em comparação ao de Dostoiévski, buscando delinear um quadro atual do seu espaço no contexto literário mundial.

(...) quando tentarmos caracterizar um escritor vai ser necessário situá-lo duas vezes: segundo a posição do espaço literário em que está situado no universo literário mundial, e segundo a posição que ocupa nesse mesmo espaço. (CASANOVA, 2002, p. 62)

Em **A república mundial das letras** (2002), Pascale Casanova delinea os espaços da geografia literária mundial, derrubando o conceito de uma evolução espontânea e pacífica, baseada apenas no desenvolvimento de talentos individuais, para estabelecer um novo cenário, no qual o fortalecimento das literaturas nacionais só se dá por meio de revoltas, do empenho político na acumulação e na valorização de seu próprio capital literário com vistas à inserção dele no espaço literário mundial.

No modelo de análise literária proposto por Casanova, no qual esta pesquisa pretende alinhar-se, a compreensão de uma literatura nacional só pode ser completa considerando o seu posicionamento na geografia literária mundial, ou seja, é preciso contextualizar um escritor no seu próprio país e no espaço que a literatura daquele país ocupa no contexto universal.

Seguindo essas premissas, este estudo utilizará, como forma de análise dos resultados, o método comparatista, por meio do qual se fará o cotejo do posicionamento da literatura machadiana no cenário mundial com a situação da literatura dostoevskiana, escritores de países periféricos (em relação aos centros emissores e validadores culturais da época), tanto em virtude da língua quanto por contingências políticas, econômicas e sociais.

Conclusão

Como o objetivo desta comunicação é informar a respeito do andamento de um projeto de tese em fase inicial, é muito cedo para apresentar conclusões, às quais só chegaremos nas etapas de análise dos dados coletados. Para este momento, tudo ainda está aberto e incerto. Diante das questões, intenções e hipóteses que surgem nesta fase inicial, concluímos (ou melhor, pressupomos) apenas que o estudo do processo de difusão internacional das literaturas de países periféricos pode abrir caminhos ainda pouco explorados para entender melhor o sistema de valores estéticos, políticos, econômicos e sociais que envolvem o posicionamento de cada país na geografia literária mundial.

Referências Bibliográficas

- [1] BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- [2] CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. **Vários escritos**, 4ª edição, reorganizada pelo autor. São Paulo: Ed. Duas Cidades. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul, 2004.
- [3] CALDWELL, H. **O Otelô brasileiro de Machado de Assis**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- [4] CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- [5] GOMIDE, Bruno Barretto. **Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2004.
- [6] KOPYL, V. Entrevista citada na seção de notícias do site do Instituto Cultural Tchekov. Disponível em <http://www.tchekhov.com.br/noticias/noticias.php?id=594>. Acesso em 30/07/2007.
- [7] MACHADO DE ASSIS, J. M. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- [8] _____. **Contos Escolhidos**. São Petersburgo. Edição bilíngue aos cuidados de Vadim Kopyl. São Petersburgo: Centro Lusófono Camões da Universidade Estatal Pedagógica Hertzen / Ed. Nova Alexandria, 2007.
- [9] MACHADO, U. **Bibliografia machadiana 1959 – 2003**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- [10] MORETTI, F. **Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- [11] _____. **A literatura vista de longe**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2005.
- [12] _____. **Atlas do romance europeu: 1800 a 1900**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- [13] MORSE, R. **O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- [14] RIVAS, P. **Encontro entre literaturas: França – Portugal – Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- [15] SONTAG, S. Vidas póstumas: o caso de Machado de Assis. In: **Questão de ênfase: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (pp. 47-60)

Autora

¹ **Andrea de BARROS, Doutoranda**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Instituto de Estudos da Linguagem - Departamento de Teoria e História Literária

andreatexto@yahoo.com.br